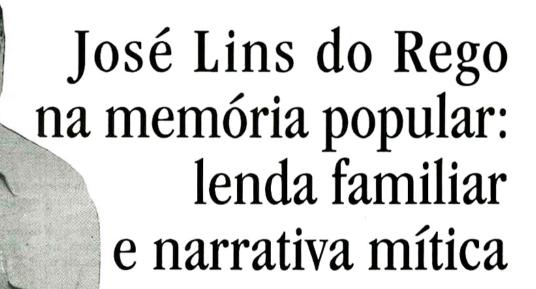
Num universo cultural modelado pela oralidade, o relato de vida de José Lins do Rego por uma antiga moradora do engenho assumiu a forma do mito: a matéria se prestava e as matrizes narrativas estavam disponíveis, oriundas de contos maravilhosos, de relatos hagiográficos, da própria *Bíblia*, etc. Mas, em toda a história, mesmo quando alude à fama do herói, à sua vida no Rio, em nenhum momento a narradora demonstra conhecer, mesmo indiretamente, a razão de tanta fama, os livros escritos, a função de escritor e pensador.



IDELETTE MUZART FONSECA DOS SANTOS

Os acasos de uma pesquisa sobre o romanceiro tradicional na Paraíba (1) nos conduziram a D. Beatriz Medeiros, residente no bairro do Cordão Encarnado, em João Pessoa, mas que conserva ainda estreito vínculo pessoal e profissional com Pilar, cidade do interior do Estado, situada a 53 km da capital, em cujo município está situado o engenho Corredor, onde o escritor José Lins do Rego viveu sua infância, retratada por ele em *Menino de Engenho* (1932) e *Meus Verdes Anos* (1956). D. Beatriz revelou, ao cantar um romance, conhecer a família do escritor (2) e, por solicitação nossa, gravou o seguinte depoimento, em 11 de outubro de 1988, em sua residência e em presença de dois familiares.

IDELETTE MUZART FONSECA DOS SANTOS é professora da Universidade Federal da Paraíba.

"Minha avó, ela costurava... era no engenho, era a casa dela, eram moradores, sabe? Naquele tempo, se chamavam de moradores, moravam nas propriedades. Tinha os fazendeiros e tinha aquelas pessoas que se chamava de morador.

(...)

A minha madrinha era Maria Lins. Era dona do Engenho Itapuá (3). E Zé do Rego era sobrinho dela, era filho de uma irmã dela. Ele vinha assim

- 1 O projeto Romanceiro Paraibano: pesquisa sobre a presença da poesia oral tradicional na memória popular, realizado de 1982 a 1988, é coordenado por Idelette M. Fonseca dos Santos e teve a participação de numerosos mestrandos em Letras da UFPb. Um Cancioneiro Paraibano, pronto para publicação, e um Romanceiro Paraibano, em via de conclusão, testemunham a importância destas formas poéticas na memória coletiva.
- 2 Ao cantar o romance tradicional brasileiro, José do Vale, a narradora inverte os papéis e quando, no romance, o bandido, que a mãe tenta liberar corrompendo o Presidente da província, se chama José do Vale, ela troca o verso e este vem a ser o nome do Presidente. Indagada sobre a exatidão dos nomes atribuídos, ela afirma: " Claro, o Presidente é que era Zé do Vale. Zé do Vale, Zé do Rego, isso é nome de gente grande, de Presidente". Ver artigo de nossa autoria "Zé do Vale e Zé do Rego: na Encruzilhada da Memória". a ser publicado pela revista Usina, João Pessoa, Fundação Espaço Cultural, 1991.
- 3 José Lins do Rego alude reiteradas vezes às querelas em torno da doação do engenho por seu avô, José Lins, à filha mais velha, Maria Lins, também chamada Maria Menina, no livro de memórias Meus Verdes Anos: "Depois da morte do Dr. Quinca do Engenho Novo, o meu avô deu definitivamente o Itapuá à Tia Maria. (...) ltapuá era uma das grandes propriedades da Várzea. Viera do pai de André Vidal de Negreiros, e no tempo da Abolição pertencera ao major Ursulino, o terror dos negros, homem de Goiana, com carro de luxo e chicote de ponta fina para o lombo dos escravos. Agora Itapuá passava-se para Henrique (esposo de Maria Lins), de porteira fechada e safra nos andaimes" (p. 1277). O mesmo engenho permanece ligado à lembrança do pai: "Casado de novo, o meu pai fora mandado para tirar a primeira safra de Itapuá. Podia ter assumido a direção do grande engenho definitivamente. E assim não aconteceu. Tirada a safra, deralhe o meu avô o seu pior engenho para ele trabalhar" (p. 1250).
- 4 Vieirinha, segundo filho de Maria Lins, era padrinho da narradora, Beatriz.
- 5 Apelido da avó da narradora, Maria.

todo ano do Rio, todo ano ele vinha. Passava quinze dias, um mês. Quando Zé do Rego estava pra chegar no engenho, na casa dela, na casa da minha madrinha, quinze dias antes, já se estava arrumando, preparando, separando as vacas que era pra tirar leite, que era pra o leite vir de manhã, pra ele tomar aquele leite... Só sei dizer que era uma coisa! Todo ano, ele vinha. Ele tinha as filhas dele, era Elizabet e Maria Cristina, as duas filhas. Tinha a esposa. Tudinho, eu conheci, esse povo tudo, eu conhecia.

Aí, eu me casei. Quando me casei... mas minha avó... ela gostava muito da minha avó, da minha bisavó. Gostava, gostava, era quase como se fosse... ela, lá no trono, minha avó mais pra cá. Mas ela não tinha aquele preconceito, era quase que uma coisa só, que ela gostava demais.

Aí, quando ele chegava, ela mandava avisar pra casa da minha avó que Zé Lins do Rego tinha chegado.

Vai dizer que Dedê chegou.

Chamavam ele de Dedê.

- Vai dizer que Dedê chegou, a Maria e a D. Rosinha.
- D. Rosinha era minha bisavó.

E as visitas... ia visitar Zé Lins do Rego.

Tudo bem. Aí, eu era pequena. Quando foi... passando anos, eu me casei. Eu me casei e fui morar perto da casa da minha madrinha. Aí, quando ele chegou, ele saiu assim, aquele terraço, aquele casarão... Tinha assim um terraço grande e, deste terraço, avistava a minha casa. Aí, disse:

- Ô Nenê, de quem é aquela casa?
- Aquela casa, não foi Vieirinha (4) que fez para a afilhada que casou. Ela já tem uma menina. Olha, a menina é linda! Eu vou mandar buscar pra você ver.

Aí, Madrinha mandou dizer:

 Olhe, diga a Beatriz que arrume a menina, perfume, que Zé do Rego vai pegar nela, que Dedê vai pegar nela.

Eu disse:

- Tá certo, tá bom. Diga a ela que quando for de tarde, eu vou.

Aí, quando foi de tarde, arrumei a menina. Quando cheguei, ele estava deitado numa rede. Aí, ele disse:

 Que menina linda! Parece que estou vendo Maria Cristina, que era moreninha – moreninha clara, né – quando era dessa idade. Quantas semanas tem, quantos meses ela tem?

Eu disse:

- Ela está com quatro meses.
- O que é que você dá a ela?

Aí, eu disse o que era, e naquele tempo não havia estas histórias de sopa, não existia não. Aí, eu disse:

- Eu dou mingau.

(Riso.)

- Toma mingau de três em três horas, e sempre assim, um caldo de arroz bem grosso...
- Ah, está muito bom, muito bom. Já deu laranja?
- ... Essas coisas, não é?
- Não, não dou laranja inda não, porque o pé de laranja da casa de Mãnhã (5) morreu – era laranja mimo-do-céu – morreu e, até agora, não consegui laranja pra ela.
- Não? Mas dê. Olha, e dê muito chá de canela a essa menina, viu! Quando eu fui embora, aí ele pegou a menina, beijou, tudinho. Esta foi a última vez, ele não veio mais.

Aí, quando chegou, foi o recado... eu estava em casa, quando chegou uma pessoa, lá do engenho, dizendo:

Olha, D. Maria mandou dizer que você fosse lá.

Eu fui. Ela disse

- Eu mandei te chamar para te dizer que recebi agora...
   não tinha telefone, era telegrama recebi agora o telegrama que Dedê morreu.
- Que Dedê, Madrinha?
- Zé do Rego, Beatriz, Zé Lins do Rego (gritando), tu tá esquecida!

Era assim... ele andava lá... isto aí, não foi do meu tempo, era no tempo de Papai, no tempo que era garoto. Papai falava pra gente: ele subia num banco que tinha em frente do engenho... ele armava cada discurso! Olha, fazia! Improvisava num segundo, tudo! Papai disse:

- Aquele povo, aqueles trabalhadores ficavam todos olhando.
   Papai dizia:
- Não sabe que inteligência era aquela!

Eu perguntei uma vez a Papai:

- Papai, e Zé Lins do Rego ficou assim depois que foi para o Rio, ou já nasceu assim?
- Já nasceu assim, minha filha, não tinha quem agüentasse porque Papai nasceu e criou-se lá no engenho – no começo, não queria estudar, mas depois ficou desse jeito, ficou famoso, não é?"



Como considerar este texto? Como simples relato de uma testemunha da vida de José Lins do Rego na Paraíba ou como processo de elaboração que já esboça sua dimensão mítica?

O primeiro trecho, recolhido logo no início da entrevista, foi conservado apesar de não fazer parte especificamente do conjunto analisado: serve de introdução geral e define a figura da avó, transmissora do saber literário tradicional e do conhecimento em geral. A avó e a bisavó estão presentes, no relato, bem como o pai da narradora, faltando, porém, qualquer referência à mãe, substituída pela madrinha: "A minha madrinha era Maria Lins (...) e Zé do Rego era sobrinho dela...".

O quadro familiar está formado e construído de tal modo que José Lins do Rego passa a integrar o núcleo familiar estreito que rodeia a narradora, completado, mais tarde, por marido e filha. E o episódio contado — aconselhamento sobre a alimentação e os cuidados devidos a uma criança pequena — reforça tematicamente a ambientação familiar.

A distância social, evocada claramente no início da entrevista, é, de certo modo, absorvida pela proximidade afetiva:

" (Maria Lins) gostava muito da minha avó, da minha bisavó. Gostava, gostava, era quase como se fosse... ela, lá no trono, minha avó, mais pra cá. Mas ela não tinha aquele preconceito, era quase que uma coisa só, que ela gostava demais".

Do "trono" até "mais pra cá", da fazendeira à moradora, a ligação se firma graças aos laços do comadrio, mas a narradora está consciente da excepcionalidade desta relação e a reforça ao constatar a ausência, em Maria Lins, de "aquele preconceito"

Além da madrinha e do próprio José Lins, engloba na "família" as duas filhas do escritor e sua esposa: "Tudinho, eu conheci, esse povo tudo, eu conhecia".

Laços sociais, quase de sangue, já que, ao lhe ser apresentada a filha da narradora, José Lins exclama: "Parece que estou vendo Maria Cristina, que era moreninha (...) quando era dessa idade" (6). Mas a contadora completa a referência à cor da criança por um comentário em aparte, um tom mais baixo: "moreninha clara, né", para evitar qualquer mal-entendido quanto à cor da filha do escritor, embora a narradora e sua filha sejam de cor branca, com olhos claros e cabelos castanhos.

O discurso revela, nos interstícios da familiaridade reafirmada, a distância social disfarçada e até negada. Distância manifesta no uso dos nomes e apelidos: se o escritor é Dedê para sua tia, que ele chama de Nenê, ele permanece Zé do Rego para a narradora e os demais moradores do engenho, a ponto de a notícia de sua morte ser incompreendida, num primeiro momento:

- "(...) recebi agora o telegrama que Dedê morreu.
- Que Dedê, Madrinha?
- Zé do Rego, Beatriz, Zé Lins do Rego, tu tá esquecida!"

Dedê para a tia, Zé do Rego para os moradores, Zé Lins do Rego, enfim, ao morrer, quando o nome passa a designar o homem que ficou famoso fora do mundo do



6 O entusiasmo do escritor para com uma criança pequena manifesta-se em muitas ocasiões. Veja-se a descrição da primeira filha de sua Tia Maria em Meus Verdes Anos: "Eu mesmo olhava para Maria Emilia com verdadeiro encantamento. Para mim, como ela não havia menina igual no mundo. Os olhos pretos, os braços gordinhos, os cabelos anelados. Uma verdadeira boneca" (p. 1242). engenho, da família, o homem que se torna mito na memória popular.

No seu livro de memórias, *Meus Verdes Anos*, José Lins do Rego distribui de modo distinto os seus vários nomes: Dedê é o nome dado pela família materna, José o nome usado pela mãe substituta — Tia Maria, depois Tia Naninha (7) —, enquanto que Zé do Rego, lembrando a filiação paterna, traz a marca da rejeição familiar:

"O meu avô paterno se chamava José do Rego Cavalcanti (...) Era o velho Zé do Rego uma espécie de Quixote, de coração escancarado, de boca aberta para as verdades. (...) A gente do corredor não punha dúvidas sobre o juízo do Velho Zé do Rego. As suas extravagâncias, seus modos de agir, os temas das conversas escandalizavam o meu povo. Sempre que, mais tarde, acontecia eu fazer qualquer coisa de anormal, diziam logo: 'É neto do Zé do Rego' " (pp. 1250-1) (o grifo é nosso).

No relato autobiográfico, como na memória popular, a identidade permanece conflituosa no meio do jogo dilacerante dos nomes.

## ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DO HERÓI MÍTICO

A vida de José Lins do Rego, narrada por D. Beatriz, traz elementos identificáveis que contribuem para a construção do mito do herói.

Preso em conflitos, sem deles conseguir se livrar, o indivíduo delega ao herói a sua luta, a sua vontade, consciente ou não, de violar as proibições. Se a violação é necessária, só se torna possível numa atmosfera mítica e graças ao rito. "O rito realiza o mito e permite vivê-lo" (Caillois, 1972, p. 38). Rito da festa, ou ritos de preparação da festa, representada pela chegada do herói para uma curta temporada entre os seus: "Ele vinha assim todo ano do Rio, todo ano ele vinha. Passava quinze dias, um mês".

A narrativa descreve as etapas do ritual, dando particular destaque à preparação. O mesmo recurso retórico — a triplicação — organiza, em três momentos, esta descrição da preparação, como fase fundamental do ritual. Para evidenciá-lo, recorremos ao modelo de transcrição dito de "configurações", à base sintática, proposto por Claire Blanche-Benveniste (1987, pp. 172-4).

Quando Zé do Rego estava pra chegar no engenho na casa dela na casa da minha madrinha

Quinze dias antes, já se estava arrumando preparando separando as vacas

que era para tirar leite que era para o leite vir de manhã pra ele tomar aquele leite.

A primeira série, ou lista paradigmática, refere-se ao espaço da festa, da recepção: engenho/casa dela/casa da minha madrinha. Não introduz variação semântica, mas uma focalização cada vez mais restrita, do engenho, espaço da comunidade, representada pelo conjunto dos moradores e da família do fazendeiro, à casa dela, a tia, elo de ligação entre o herói e os outros habitantes de engenho, numa função intermediária, quase que de "grande-prêtresse" do culto, aquela sacerdotisa que tem acesso ao nome secreto do deus, até a casa da minha madrinha, que reafirma o laço familiar da narradora com a tia do herói, justificando, assim, o relato e a função "autorizada" da narradora.

A segunda série refere-se, especificamente, às etapas da preparação: arrumando (a casa) / preparando (as comidas preferidas) / separando as vacas (escolhidas para o deleite). Correspondem à descrição dos preliminares de um ritual sacralizado, em que o templo é limpo, as comidas rituais aprontadas e separados os animais que serão usados, sacrificados, durante o culto. A última série triplicativa — para tirar leite / para o leite vir de manhã / pra ele tomar aquele leite — completa a série

<sup>7 &</sup>quot;A Tia Naninha sucedera à irmã em todas as obrigações da casa. Antigamente, como as outras pessoas da casa, me dava o nome de Dedê. Só a Tia Maria me chamava pelo nome próprio. Era o Dedê pequeno, porque havia o maior, filho da Tia Mercês, que acudia por Dedê grande. Na tarde da partida da noiva (Tia Maria), no cabriolé do Seu Lula, ouvi o 'José!' da Tia Naninha como uma palavra de posse. Passava a ser dela" (p.1221).

anterior, restabelecendo a ligação entre o ritual e o herói, justificativa e finalidade última de todas as ações do engenho, durante quinze dias. Fecha-se a evocação das preferências alimentares do herói com uma alusão ao alimento primordial, arquétipo alimentar. "Toda bebida feliz é um leite materno" (Durand, 1963, p. 275).

A exclamação final reforça o efeito retórico, declarando a insuficiência dos recursos narrativos da contadora para descrever a amplitude e complexidade desta preparação para a chegada de Zé do Rego: "Só sei dizer que era uma coisa!"

A preparação culmina e se encerra com o anúncio da chegada do herói:

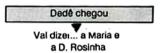
- "Ela mandava avisar pra casa da minha avó que Zé Lins do Rego tinha chegado.
- Vai dizer que Dedê chegou.

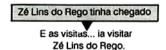
Chamavam ele de Dedê.

- Vai dizer que Dedê chegou, a Maria e a D. Rosinha.
- D. Rosinha era minha bisavó.

E as visitas... ia visitar Zé Lins do Rego".

O jogo dos nomes aparece como para confirmar a hierarquia dos papéis, esboçada na sequência narrativa anterior: quando feito na forma de discurso indireto, o herói é designado pelo seu nome completo, nome heróico conhecido "lá fora", com a redução do primeiro nome de José em Zé Lins do Rego, lembrança, ou marca inconsciente, do Zé do Rego da infância no engenho. O nome secreto, íntimo, só está presente nas falas da madrinha, apresentadas em estilo direto, com os devidos apartes explicativos da narradora.





A narradora, desde criança, assimila-se à avó e à bisavó, distinguidas pela sacerdotisa do culto do herói a ponto de serem julgadas dignas de receber comunicação pessoal e direta da presença do herói. Não é feito menção, porém, de visitas, apresentação, encontro ou serviço prestado de modo habitual ao herói, por parte de uma das três. As visitas, anônimas, realizadas sem explicitação de um convite ou aviso pessoal, destinam-se ao homem de fama, Zé Lins do Rego.

O único encontro descrito em detalhes e narrado a partir de experiência própria, e não através do relato de um terceiro, corresponde à apresentação da filha da narradora ao herói, à introdução de uma nova "afilhada" no círculo mágico e exclusivamente feminino das "vestais" do culto (tia, esposa, filhas, narradora, avó e bisavó):

- "Aí, Madrinha mandou dizer:
- Olhe, diga a Beatriz que arrume a menina, perfume, que Zé do Rego vai pegar nela, que Dedê vai pegar nela".

Outra vez, aparece o ritual da preparação (arrumar, perfumar) ao encontro, ao toque de Zé do Rego/Dedê. O encontro em si é rigorosamente narrado em estilo direto, com poucos apartes, como se cada palavra, por mais trivial que fosse, merecesse o resgate integral da palavra sagrada. O gesto final está conforme anunciado no convite ("Zé do Rego vai pegar nela..."): "Quando fui embora, aí ele pegou a menina, beijou, tudinho".

Gesto de amor e proteção, de bênção e consagração, é também o gesto último do herói vivo, antes de entrar na memória lendária: "Esta foi a última vez, ele não veio mais. Aí quando chegou, foi o recado...".

O ciclo de espera do herói continua, mas, desta vez, o recado é de morte, não de festa. A morte é dita, em estilo direto, juntando pela única vez, no relato, os três nomes do herói: morre Dedê, da Tia Maria, morre Zé do Rego, dos moradores, morre Zé Lins do Rego, do Brasil inteiro.

## OS RELATOS LENDÁRIOS

Além de sua estruturação mítica e participando deste processo, encontram-se na



narrativa de D. Beatriz, relatando a vida de José Lins do Rego, alguns aspectos lendários, principalmente relacionados ao tempo da narrativa e ao tema da infância do herói.

Desde as primeiras palavras, a narradora entremeia o seu relato de apartes explicativos, destinados a esclarecer uma palavra, ou um fato de época, que ela supõe desconhecido ou pouco familiar ao seu público:

- "Naquele tempo, se chamavam de moradores, moravam nas propriedades".
- "(...) naquele tempo, não havia estas histórias de sopa, não existia não (...)"
- "(...) neste tempo, não tinha telefone, era telegrama (...)".

Este tempo recuado em que prevalecia uma estrutura social desconhecida hoje — pelo menos do público que ouve este relato —, em que não se dava sopas às crianças de quatro meses, nem havia telefone nas fazendas e engenhos, é o tempo da infância da narradora, isto é, cinqüenta anos atrás. Apesar da realidade e amplitude das mudanças ocorridas na vida cotidiana do interior da Paraíba, cinqüenta anos não representam um "abismo" temporal. A acentuação do distanciamento no tempo pode ser considerada como um recurso narrativo que, ao insistir nas diferenças entre o "agora" e "naquele tempo", reforça o caráter lendário do relato, embora fundado na veracidade da testemunha ocular e familiar: o distanciamento cronológico facilita a elaboração do mito sem pôr em questão a idoneidade da informante.

Mas a infância da narradora revela-se um recuo insuficiente para ancorar a lenda e a contadora introduz duas breves histórias, narradas pelo seu pai, em que ela figura como pesquisadora do mito de Zé Lins do Rego.

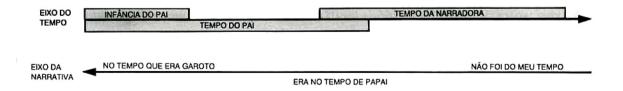
O episódio merece uma releitura, desta vez na transcrição dita de "configurações", já utilizada acima:

Era assim
Ele andava lá
Isto aí, não foi do meu tempo
era no tempo de Papai
no tempo que era garoto
Papai falava pra gente
Ele subia num banco que tinha em frente do engenho
Ele armava cada discurso
Olha fazia
Improvisava num segundo tudo

Papai disse aquele povo aqueles trabalhadores ficavam todos olhando Papai dizia não sabe que inteligência era aquela

A narrativa elabora-se a partir do mesmo processo triplicativo, concentrado desta vez em duas listas ou séries que explicitam os dois núcleos temáticos da história: o tempo e o verbo.

A primeira lista, de modo muito semelhante ao já analisado no relato da preparação da chegada do herói, em relação ao espaço, procura uma focalização cada vez mais restrita do tempo, numa progressão regressiva a partir do tempo da narradora:



O distanciamento é completo: em três etapas, o discurso sai do tempo vivido pela narradora e atravessa o tempo do pai para atingir a infância do pai. Além destes recursos narrativos, a narradora cede a palavra: o relato é assumido por outra voz memorial para contar um episódio da infância do herói — contemporânea da infância do pai — marcada por fatos reveladores da grandeza de seu destino futuro.

Ele não é nomeado: não se trata aqui do Dedê da Madrinha, nem tampouco de Zé do Rego dos moradores e ainda não é Zé Lins do Rego do mito. Apresenta-se uma criança marcada que manifesta a excepcionalidade do seu destino pelo domínio do verbo: sozinho, em pé num banco, frente ao povo / aos trabalhadores; arma o discurso / faz / improvisa num segundo.

Embora qualifique de "discurso" o tipo de fala ou gênero usado pelo menino-prodígio, a lista de verbos aponta para outra forma de oralidade: descreve as etapas da cantoria de repente, onde o cantador *arma* a estrofe, durante os poucos segundos da toada de viola preliminar, enganchando-a à anterior — cantada pelo parceiro/adversário — graças à deixa (8), logo a seguir *faz* a sextilha, quadra ou décima, em função do gênero combinado, enfim *improvisa*, no pleno sentido desta palavra, tão respeitada na cultura popular nordestina. Não bastáva o herói discursar frente ao povo, como Jesus frente aos doutores do Templo (Lucas 2, pp. 42-50): para assumir nordestinamente seu destino mítico, precisa saber improvisar como um cantador de repente.

Alguma dúvida pode, porém, permanecer no ouvinte: será que esta "inteligência", esta superioridade do herói, não foi adquirida ou, pelo menos, reforçada pelo estudo ou pela sua vida "no Rio"? A segunda história, resumida a uma questão/resposta, no mais puro estilo das lições de catecismo, reafirma definitivamente o caráter nato da superioridade, da heroicidade:

" — Já nasceu assim, minha filha, não tinha quem agüentasse (...) no começo, não queria estudar, mas depois... ficou desse jeito, ficou famoso, não é?"

A recusa do estudo, evocada pelo pai da narradora, é confirmada nas memórias de José Lins que relatam o sofrimento da aprendizagem da leitura e sua humilhação:

"A certeza de minha burrice generalizara-se na família. Aquilo me humilhava demais. Até a negra Salomé já sabia soletrar e fazer conta de diminuir"

e a alegria geral quando consegue "desasnar":

"As negras da cozinha espalhavam que eu já estava lendo jornais" (p. 1248).

O estudo, imposto mas não necessário, não acrescentou nada ao gênio com quem ninguém podia competir e a fama, misteriosa, inexplicada, mas inelutável, em razão da própria predestinação do herói, o fez ficar "desse jeito".

Num universo cultural modelado pela oralidade, o relato de vida de José Lins do Rego por uma antiga moradora do engenho assumiu a forma do mito: a matéria se prestava e as matrizes narrativas estavam disponíveis, oriundas de contos maravilhosos, de relatos hagiográficos, da própria *Biblia*, etc. Mas, em toda a história, mesmo quando alude à fama do herói, à sua vida no Rio, em nenhum momento a narradora demonstra conhecer, mesmo indiretamente, a razão de tanta fama, os livros escritos, a função de escritor e pensador.

Através dos três nomes emblemáticos — Dedê, Zé do Rego, Zé Lins do Rego — configura-se o mito do menino de engenho, filho do dono, conhecido de todos os moradores, que cresceu, saiu para lutar e vencer lá fora, de onde volta para trazer a todos "essa imagem ideal de compensação que acrescenta grandeza à alma humilhada" (Caillois, p. 24).

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Atila e ALVES SOBRINHO, José. Dicionário Bio-bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada, I. João Pessoa, Editora Universitária; Campina Grande, Centro de Ciências e Tecnologia, 1978. BLANCHE-BENVENISTE, Claire e JEANJEAN, Colette. Le Français Parlé, Transcription et Édition Paris, Didier Erudition, 1987.

CAILLOIS, Roger. Le Mythe et l'Homme. Paris, Gallimard, 1972 (1938).

DURAND, Gilbert. Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire. Paris, Presses Universitaires de France, 1963.

REGO, José Lins do. Meus Verdes Anos, in Ficção Completa, II. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1987, pp. 1161-305.



8 Pegar na deixa é uma das obrigações da cantoria: "consiste em começar a estrofe rimando com o último verso da estrofe anterior, salvo se for em glosa (...) O cantador é acusado de armar a rede, ao utilizar uma estrofe previamente feita ('matéria preparada') quando a deixa e o assunto o permitem, apresentando-se a estrofe como improviso às vezes miraculoso" (Almeida e Alves Sobrinho, 1978, p. 45).